

A análise comparativa dos exemplos de utilização de expressões idiomáticas revelou que os principais métodos a que o tradutor recorreu para a transmissão dos mesmos foram: a seleção das expressões idênticas ou semelhantes, a seleção de combinações estilísticas equivalentes, a tradução descritiva e o uso de expressões idiomáticas na língua de chegada com falta das mesmas na língua de saída.

O problema da tradução das expressões idiomáticas podia ser resolvido ou ao menos facilitado por um dicionário bilingue de expressões idiomáticas, que constitui um tipo de dicionário extraordinário e pouco comum. Mas no caso do russo e português não existe este tipo de dicionário e, além disso, ainda não está muito clara a existência de sinonímia entre as línguas neste campo da fraseologia.

5. Referências bibliográficas:

- Berman, A. (1985) "La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain", *Les tours de Babel*, Mauvezin, Trans-Europ-Repress;
- Bulgakov, M. (2008) *Coração de Cão*. Lisboa: Nova Vega;
- Bulgakov, M. (2007) *Coração de Cão*. («Собачье сердце») S. Petersburgo: Azbuka-Klassika;
- Dicionário Houaiss da língua Portuguesa (2005) Lisboa: Temas e Debates;
- Dicionário de expressões idiomáticas portuguesas. Disponível em: <http://casota.org/expressions> ;
- Dubrov, M e Mello, M. (1986). *Locuções russas por imagens*. Moscovo: Russki yazik;
- Jorge, G. (2002) "Da palavra às palavras. Alguns elementos para a tradução das expressões idiomáticas". In: *Polifonia* nº 5, 2002. Lisboa: Edições Colibri, pp. 119-133;
- Rozental, D. (2008) *Dicionário da fraseologia da língua russa* (Фразеологический словарь русского языка). Moscovo: AST;
- Vinogradov, V. (2004) *Tradução. Questões gerais e lexicais* («Перевод. Общие и лексические вопросы»). Moscovo: Pusky iazyk, pp. 189-200;
- Vlakhov, V., Florin, S. (2009) *O intraduzível na tradução*. (Непереводимое в переводе). Moscovo: R. Valent;
- Voinova, N. (2000) *Dicionário russo -português*. Lisboa: Ulmeiro

23. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL luciano.pereira@ese.ips.pt

A REPRESENTAÇÃO DA SERRA DA ARRÁBIDA NA LITERATURA PORTUGUESA

A presente comunicação tem por objetivo dar a conhecer um dos espaços do imaginário simbólico português assim como algumas das suas representações literárias mais emblemáticas. Tendo-se formada há mais de 180 milhões de anos, junto à vastidão do oceano Atlântico, a Serra da Arrábida é um dos raros locais onde ainda subsiste a flora primitiva mediterrânica na sua forma original. Numerosos foram os poetas que dela se encantaram, foi objeto de um amor místico sem igual. Espaço de lazer, de recriação e de sonho, afirmou-se como um espaço sagrado permitindo ao homem moderno uma constante reconciliação com as suas origens e com as suas aspirações mais íntimas. Perante um público catarinense, que mais que qualquer outro entende e vive a dimensão simbólica do espaço e que tanto se orgulha das suas raízes açorianas, tal como Franklin Cascaes tão bem o soube expressar, não podia deixar de dar um especial relevo à voz de um poeta açoriano que, também ele, pela Arrábida se enfeitiçou assim como pelo "fradinho" que a imortalizou: Vitorino Nemésio.

Frei Agostinho da Cruz, é o "fradinho" poeta-santo, seu esposo místico; Sebastião da Gama, seu filho, seu irmão, seu amante; Alexandre Herculano, Arronches Junqueiro, Joaquim Brandão, Teixeira de Pascoaes, Miguel Torga, António Osório, José Afonso, José Saramago são alguns dos autores que a celebraram enquanto espaço de comunicação, de significação e de comunhão com o divino, com o absoluto, com o mistério, com o inefável.

A Serra cristaliza todas as energias da entrega, da devoção e da identificação da criatura com o criador e do amante com o objeto amado. Neste exercício de representação e de interpretação literária, apreendemos a Serra enquanto texto poético e cultural e sentimo-nos profundamente envolvidos na sua e na nossa intimidade.

1. A serra da Arrábida enquanto património natural e cultural

Há mais de 20 anos que, no âmbito da minha prática pedagógica, me dedico ao estudo das representações literárias do património

regional português. Tal paixão levou-me à criação de uma disciplina intitulada **Comunicação e Património Literário** que pretende, numa primeira instância desenvolver competências comunicativas e linguísticas em torno das representações literárias do património natural e cultural português com particular destaque para o Distrito de Setúbal.

Neste contexto, a Serra da Arrábida ocupa um espaço verdadeiramente privilegiado. Formou-se há mais de 180 milhões de anos e é um dos raros locais da Europa onde ainda subsiste a flora primitiva mediterrânica na sua forma original.

Numerosos foram os poetas que dela se encantaram, foi objeto de um amor místico sem igual. Espaço de lazer, de recreação e de sonho, afirmou-se como um espaço sagrado permitindo ao homem moderno uma constante reconciliação com as suas origens e com as suas aspirações mais íntimas. O respeito por parte das populações e a devoção dos poetas não terão sido alheias à criação do parque natural que nela surgiu, mas não foram, infelizmente, suficientes para a proteger dos fogos, das ameaças, da cobiça e da ganância. Ontem uma cimenteira, hoje uma coíncineradora, tudo em nome do desenvolvimento, dos interesses sociais e económicos, da modernidade:

*“O Fogo
Fecho entre os lábios
a serra abrasada,
árvores amortalhadas,
sobre as raízes,
as folhas
ainda em se lugar sepultas,
o negrume do chão
combustas bagas, hastas,
sementes
e assim dou
a frescura da saliva.”*

(António Osório in Junto ao Sado e Arrábida, 1996)

A presente comunicação tem por objetivo dar a conhecer um dos espaços mais emblemáticos do imaginário simbólico português e as

suas representações literárias. Ela é fruto de uma longa maturação pedagógica e cultural. Agradeço aos meus alunos e ex-alunos todos os contributos que a tornaram possível, assim como o entusiasmo com que se têm dedicado a este percurso conjunto verdadeiramente iniciático.

Em 2002, dois colegas e amigos, o Dr. António Mateus Vilhena e o Dr. Daniel Pires, fundadores do Centro de Estudos Bocageanos, publicaram uma obra que não podia deixar de vir a ser uma das referências obrigatórias da disciplina de Comunicação e Património Literário: A Serra da Arrábida na Poesia Portuguesa. Para eles também vai a minha maior gratidão. Toda a comunicação se estrutura em torno de um destinatário privilegiado, no caso, o público catarinense, que mais que qualquer outro nutre um especial amor pela Ilha que Franklin Cascaes tão bem soube representar. Perante um público que se orgulha das suas ascendências açorianas não podia deixar de dar um especial relevo à voz de um poeta açoriano que também ele se enfeitou pelo espaço simbólico da Arrábida e pelo “fradinho” que a imortalizou: Vitorino Nemésio.

“A Arrábida – aonde, no tempo da gasolina, nos levava pela estrada de Azeitão com tanta bondade o automóvel... - voltou a fechar-se nos seus penedos e medronhos. Talvez esteja mais pura. Os séculos têm afrontado a sua face – como diria algum bom pregador. Os incêndios comeram pouco a pouco a maior parte das árvores. Enquanto algum pastorinho ia ao convento novo avisar, ou alguma pobre apertava mais depressa o molhinho de zambujo para fugir, o fumo de aroeira, de murta, de aderno, ia correndo aquela extensão sozinho e restituindo ao céu o que de lá viera, do bico das aves.

Eu falo assim porque a Arrábida não é deste mundo. Depois dos cabreiros é dos ermitas e dos poetas.

(...)

“Frei Agostinho da Cruz corria a serra, embrenhava-se nos medronheiros, sentava-se nos penedos onde só as aves semeavam, matutava na sua vida antiga e naquela de agora, não isenta de tentação e pecado. Tudo era questão de grau e de cúmplices. Antigamente o mundo, o diabo,

a carne. Agora da carne ao diabo (que era o mesmo), e dele, o ladrão! À saudade do mundo, à sua ausência. Era a altura de puxar pela réstia de bugalhos e rezar. Ou, então, e era assim quase sempre, ouvir aquele murmurinho das palavras apuradas pelos senhores letrados desde Sá de Miranda a Ferreira e ao mordomo de Caminha, cheias de amor e de sangue na boca de Camões, e agora atiradas por ele ao céu como as pedras de funda dos cabreiros e o atrevimento dos passarinhos, na gruta, um cordeiro esperava o capuchinho. Depois, uma corça. E até a doninha que um dia não o achando na lapa, foi pelo cheiro das pegadas até ao convento ter com ele. Uma águia levou nas garras o cordeirinho do frade. Agora, os gatos levam-lhe a “geneta”, a doninha...

(Vitorino Nemésio – O Capuchinho da Arrábida in Estudo e Antologia, 1986, 257-260)

Frei Agostinho da Cruz, é o frade-poeta santo, seu esposo místico; Sebastião da Gama, seu filho, seu irmão, seu amante; Alexandre Herculano, Arronches Junqueiro, Joaquim Brandão, Teixeira de Pascoaes, Miguel Torga, António Osório, José Afonso, José Saramago são alguns dos autores que a celebraram enquanto espaço de comunicação, de significação ou de comunhão com o divino, com o absoluto, com o mistério, com o inefável e sempre com a mãe-natureza e com o eterno feminino. A Serra, na sua simbologia de centro fusional e ascendente, cristaliza todas as energias da entrega, da devoção e da identificação da criatura com o criador e do amante com o objeto amado.

Neste exercício de representação e de interpretação literária apreendemos a Serra enquanto texto poético e cultural. Nesta comunicação, a Serra, tal como as suas representações poéticas, convoca-nos no mais íntimo de nós próprios. A Arrábida é indubitavelmente um santuário da nossa relação, enquanto povo, com o eterno feminino. Nela celebraram-se rituais à mãe natureza, e mais tarde à Nossa Senhora, Virgem Santíssima. Os místicos sublimaram-na como um paraíso terreal, a imagem da origem e da eternidade, um espaço de comunhão e de regeneração. Dalila Pereira da Costa (1989, 253-254) afirma que em nenhuma outra nação ocidental, a união entre

terra e céu, luminoso e obscuro, masculino e feminino se terá feito no passado tão perfeitamente, e em sentido tão sagrado, como aqui.

“E nessa polaridade entre visível e invisível, alto e baixo, espiritual e material, terra e céu, um terceiro termo haverá, que obrará a ligação entre ambos: o homem. Será ele, como mediador e ainda, regulador, entre as forças do céu e da terra, a quem incumbirá o papel de pontífice da ordem cósmica.”

A valorização da terra é sinónima da valorização da mulher, tão contrária ao pensamento dominante que brotara no ocidente, mas tão viva e intensa entre nós os galaico-portugueses. Do priscilianismo, e das diaconisas suevas herdámos o nosso orgulho feminino, tão marcado na poesia trovadoresca, tão sublime na poesia mística de Frei Agostinho da Cruz.

Frei Agostinho celebra o Criador representando a terra em gesto ritual feito serra, “com seus humildes animais, plantas e flores diversas, e abaixo, as águas do seu mar inchado”. Objeto de uma ternura e de um amor infinito, o frade “capuchinho” glorifica-a e procede à sua transmutação na figura de Maria, Nossa Senhora da Arrábida, iluminada, elevando-se para os céus. Conta a lenda que Hildebrant, mercador inglês, após uma tempestade, durante a qual uma imagem da Nossa Senhora desaparecera do seu barco, viu, do mar, a serra iluminar-se e dela elevar-se a Virgem Maria. Pelo milagre mandou construir a primeira ermida e nunca mais abandonou a serra.

A península de Setúbal irradia um magnetismo parcialmente semelhante ao das ilhas. Foi e continua a ser vivida como um espaço de profunda intimidade, de mediação entre os quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Rodeada de água pelo Tejo, pelo Sado e pelo Mar, o seu centro simbólico é a Arrábida, a sua montanha sagrada, o seu ventre materno, o seu mamão alimentício e regenerador. No seu interior, aberta para o mar, a Lapa de Santa Margarida, revela-se como o útero magnífico de uma raça de homens que marinhos noticiada por Plínio que nos relata como uma delegação de olisiponenses tinha ido anunciar a Tibério que, numa gruta, um Tristão ao natural e tocando um búzio, tinha sido visto e ouvido, e ainda que na costa olisiponense tinha sido

vista uma nereide que ao morrer desferira um infindável canto choroso e saudoso. É o relato da primeira mulher marinha da nossa costa. Tal relato tem já em si todas as marcas da alma portuguesa, feminina, doce, saudosa, melancólica: chorando por amor à terra e à vida.

No século XVI, Damião de Góis, na sua *Descrição de Lisboa*, voltará a falar desses estranhos seres: *“Nos nossos dias encontram-se em muitos lugares próximos aquela praia uns homens que os habitantes deram em chamar; por causa da sua natureza e origem, homens marinhos, por apresentarem na superfície da pele umas escamas espalhadas quase por todo o corpo como se possuísem vestígios de uma raça antiga.”*

Damião de Góis conta que o povo cria que os seres marinhos saíam do mar, brincavam na praia e eram atraídos pela doçura da fruta que naquela região é abundante. Seres marinhos e seres terrestres compartilhavam assim um mesmo território e talvez se tivessem tornado num único povo.

Conta Damião de Góis que um amigo seu vira uma criança a brincar na água, e comer peixes crus apanhados na hora e a desaparecer no mar. A relação amorosa pagã entre esse estranho povo anfíbio e a grande deusa encontrou, em ambas as margens do rio Tejo, dois altares que permitiram a sua expressão ritual: A serra da lua ou a serra de Sintra e o monte “barbaricus” ou a serra da Arrábida.

A instalação de um convento franciscano em cada uma delas é a marca inequívoca de sua sublimação cristã. Frei Agostinho da Cruz em ambos os altares se prostrou, mas foi na Arrábida que plasmou o seu amor pelo criador. Frei Agostinho, na Arrábida, encontrou uma dimensão telúrica para o significado do amor místico, tão intenso em São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila. Não é outro o sentimento dominante em Padre Manuel Bernardes, em Frei Luís de Sousa, Frei António das Chagas, Frei Agostinho de Santa Maria, em Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoais, José Régio ou Sebastião da Gama:

“O mais difícil não é ir à Arrábida (...) Difícil, difícil é entendê-la: porque, boas praias, boas sombras e boas vistas há-as em toda a parte (...), o que não há em toda a parte da

religiosidade que dá à Arrábida elevação e sentido. Sabe-se lá se o alor místico lhe vem da origem, se lho deixarem inefável herança! – os franciscanos do seu convento?... Mas é fora de dúvida que o visitante, se o não apreendeu, sai da Arrábida sem sequer ter entrado nela verdadeiramente!

Vá sozinho suba ao convento, que é onde o espírito da serra converge e como que ganha forma, leve se quiser, os versos de Agostinho e experimente como afinal é fácil estar só com Deus.

Quando de rosado, começa a arroxear-se o horizonte, a Serra é um vulto de sombra parado a meio do silêncio.

Pios de ave, como goteiras, pinguelingam de quando em quando e de onde em onde – e damos então mais consciente notícia do grande silêncio.

Dizemos:

*“Assim como o cousas mudas conversando,
Com mais quietação delas aprendo
Que outras que há, ensinar querem falando.”*

Se a lua surgir, o mato começa a desenhar no chão, arabescos que já sabemos ler, empalidece mais o convento e nós, compenetrados da beleza divina (ou franciscana?) das coisas, somos a grande porta que se fecha sobre a serra para a Serra dormir, pela noite longa e azulada das estrelas, na sua meditação que já dura séculos.

O céu fica-lhe perto: bastaria acordar a meio da noite... Bastaria, para que deus a ouvisse, sonhar alto verso em Frei Agostinho, dos muitos que ele rezou e sabe de cor...”

(Sebastião da Gama, Flama, 2-XII-49 in O Segredo é Amar, 1969,

52)

2. Espaço de solidão, de tristeza e de alegria

Frei Agostinho vive na Serra uma purificação de si. Nela expia as suas culpas e os seus pecados do passado e do presente; na sua triste solidão, culpabiliza-se, sofre, anula-se e imola-se. Alexandre Herculano, projeta nela os valores românticos embora os seus espaços medonhos e escuros nunca apresentem a carga depressiva do “locus horrendus”. O poeta canta a solidão e a escuridão dos seus vales enquanto espaços

passíveis de purificar a vida e a morte, verdadeiras portas para a eternidade:

*“Renovarei motivos de tristeza,
Para mais suspirar considerando
A sujeição da fraca natureza.*

*Dum vale noutro vale vagueando,
Um lugar buscarei medonho, escuro,
Donde comigo só me estê queixando”*

(Frei Agostinho, Elegia VI “Da Serra da Arrábida” in Sonetos e Elegias)

*“I
Salve, oh vale do sul, saudoso e belo!
Salve, oh pátria da paz, deserto santo,
Onde não ruge a grande voz das turbas!
Solo sagrada a Deus, pudesse ao mundo
O poeta fugir, cingir-se ao ermo,
Qual o freixo robusto a frágil hera,
E a romagem do túmulo, cumprindo,
Só conhecer, ao despertar na morte,
Essa vida sem mal, sem dor, sem termo,
Que íntima voz contínuo nos promete
No trânsito chamado o viver do homem.”*

(Alexandre Herculano, A Arrábida in A harpa do crente, 1838)

Na poesia de Sebastião da Gama, a mesma solidão torna-se vida, alegria, festa e graça:

*“ (...)
Os sinos todos
toquem...
E rosas silvestres nasçam
onde ninguém as sonhasse...
E o rouxinol se esqueça,
cantando minha alegria,
do que o levou a cantar...
E os sinos todos
Toquem*

(Sebastião da Gama, Alegria in Serra-Mãe)

*Hoje, cá dentro, houve festa...
E, se houve festa e veludos,*

*e música azul, e tudo
quanto digo,
foi somente porque a Graça
desceu hoje a visitar-me”*
(Sebastião da Gama, Vida in Serra-Mãe)

Para Sebastião da Gama, a serra é sol, claridade e luz extasiada:

*“O meu país de sol!
Pressentimento
da claridade Celeste!
(...)
Ó Serra aonde a cor é luz extasiada;”*

(Sebastião da Gama, Versos para eu dizer de joelhos in Serra-Mãe)

Para Torga, a solidão da serra é simplesmente descanso e sono, “férias do mundo”, espaço de esquecimento onde o homem repousa as suas angústias à margem de qualquer tragédia divina:

*“Arrábida, Páscoa de 1952
Refúgio
Sozinho a ouvir o mar que não diz nada.
Férias do mundo e de quem lá anda.
Concha de ouriço, mas desabitada,
Aberta no lençol de areia branda.*

*Não se lembrem de mim esta semana!
Matem o Cristo e ele que ressuscite!
Eu, nesta angústia humana ou desumana,
Quero apenas que o sono me visite.”*
(Miguel Torga in Diário VI)

3. Espaço de origem, de eternidade e de absoluto

É a origem das origens, espaço de criação e de recriação eterna, de eternidade e de infinito:

*“I
Suspira o vento no álamo frondoso,
As aves soltam matutino canto,
Late o labréu na encosta, e o mar sussurra
Dos alcantis na base carcomida:
Eis o ruído de ermo! Ao longe o negro,
Insondado oceano, e o céu cerúleo
Se abraçam no horizonte. Imensa imagem*

Da eternidade e do infinito, salve!
(Alexandre Herculano, *A Arrábida in A harpa do crente*, 1838)

(...)
aonde a Primavera, quando chega,
Já se encontra a si própria e espera-se!”
(Sebastião da Gama, *Versos para eu dizer de joelhos in Serra-Mãe*)

Na serra, Sebastião da Gama saboreia a vida até à hora do juízo final:

“Chorem os outros, morte, a dolorida
minha hora final.
P’ra mim, que bom, saber até ao fim
a que é que sabe a vida!”
(Sebastião da Gama, *Romântico in Serra-Mãe*)

Tanto para Frei Agostinho como para Sebastião da Gama, a serra surge como uma imagem do Absoluto. A dimensão mística da Arrábida incendeia-lhes a inspiração com uma intensidade só comparável à sensualidade da paixão amorosa que exalta a mulher amada.

Para a exaltação da serra e para a expressão apaixonada da relação com o criador, ambos os poetas recuperam a simbologia da Montanha como espaço do sagrado e das alturas, das proeminências, da verticalidade, da ascense, da mediação e do absoluto:

“Aqui, com mais suave compostura.
Menos contradição, mais clara vista,
Verei o criador na criatura.” (Frei Agostinho, *“Estando na Arrábida”*)

“Ao crepúsculo, a Serra é Catedral
onde o órgão silêncio salmodia.
A própria luz ergueu “Ave-Maria”
e o Mar tomou as cores de um vital.

Tudo sente o Senhor e se extasia...

E eu também quero ser da Oração...
- Com folhados na alma, pus a mão
na minha harpa e a música ascendeu.”

(Sebastião da Gama *“Oração da Tarde” in Serra-Mãe*)

4. Espaço feminino de amor e paixão

Contrariamente à opinião de José Saramago que se afasta da sua simbologia ancestral e a diz de conotações preponderantemente masculinas, a poesia, assume integralmente toda a sua essência feminina. Umbigo e útero do mundo, tal como a pirâmide, ela é símbolo de eternidade, espaço de morte e ressurreição:

“Depois de não ter tentado, sequer, descrever a serra de
Sintra, o viajante não iria cair agora na tentação de explicar a
Arrábida. Dirá apenas que esta serra é masculina, quando na de
Sintra é feminina. Se Sintra é o paraíso antes do pecado original,
a Arrábida é-o mais dramaticamente.

Aqui já Adão se juntou a Eva, e o momento em que esta
serra se mostra é o que antecede o grande ralhio divino e a
fulminação do anjo. O animal tentador, que no paraíso bíblico foi
a serpente e em Sintra seria a alvéola, tomaria na Arrábida a
figura do lobo.

Claro que o viajante vai procurando, por metáfora, dizer o
que sente. Mas quando do alto da estrada se vê este imenso mar
e ao fundo dos rochedos a franja branca que inaudível bate,
quando apesar da distância a transparência das águas deixa ver
as areias e as limosas pedras, o viajante pensa que só a grande
música poderá exprimir o que os olhos limitam a ver. Ou nem
mesmo a música.

Provavelmente o silêncio, nenhum som, nenhuma palavra,
afinal, o louvor do olhar: a vós, olhos, louvo e agradeço. Assim hão
de ter pensado os frades que construíram o convento nesta meia
encosta, abrigado do vento norte: todas as manhãs podiam
oferecer-se à luz do mar, às vegetações da falda encosta, e assim
em adoração ficarem o dia todo. É convicção do viajante que
estes arrábidos foram grandes e puríssimos pagãos.

O Portinho é como uma unha de areia, um arco de lua caído
em tempos de mais próxima vizinhança. O viajante, a quem o
tempo não sobra, seria tolo se resistisse. Entra na água, repousa
de costas no subtil vai-e-vem, e dialoga com as altíssimas

escarpas que, vistas assim, parecem debruçar-se para a água e cair nela. Quando, depois visita o Convento Novo, tem grande pena da Santa Maria Madalena que lá está metida atrás de grades. Já não foi pequeno sacrifício ter renunciado ao mundo também teve de renunciar à Arrábida.”
(José Saramago – Viagens a Portugal)

*“ (...)
Daqui mais saudoso o Sol se parte;
Daqui muito mais claro, mais dourado,
Pelos montes nascendo se reparte. “*
(Frei Agostinho, Elegia II “Da Arrábida” in Sonetos e Elegias)

*“Ó Fonte de Pureza!
Ó minha
Serra toda pintada de Esperança
e debruada de azul!
Reveladora maga
dos meus cinco sentidos, criadora
de aqueles que eu não tinha e tenho agora!”*
(Sebastião da Gama “Versos para eu dizer de joelhos” in Serra-Mãe)

*“Conselha-me tão claros desenganos
Que comece de novo nova vida
Nesta Serra deserta, alta e fragosa;”*
(Frei Agostinho, “A Nossa Senhora da Arrábida” in Sonetos e Elegias)

*“ (...)
os poetas embalam sua Mãe,
que um dia os embalou
(...)
E todo eu me alevanto e todo eu ardo.
Chego a julgar a Arrábida por mãe,
quando não serei mais que seu bastardo*
(Sebastião da Gama “Serra Mãe” in Serra-Mãe)

No entanto, se para Frei Agostinho a figura da Mulher é sempre velada, para Sebastião da Gama, a Serra é Mulher em todas as suas dimensões, numa exaltação apaixonadíssima que gira em torno da simbologia da fertilidade e do prazer proporcionado pela Natureza:

*“Ó minha amante sempre Virgem
e sempre desejosa do meu corpo!
(...)
Ó Serra aonde as noites*

*São camisas puríssimas de Noiva,
e os crepúsculos são primeiros – beijos!
(...)
- Eu não quero cantar-te, minha Amante,
Minha Mãe, minha Irmã, minha Senhora.
eu só quero entender-te toda a vida
como te entendo, Serra nesta hora*
(Sebastião da Gama “Versos para eu dizer de joelhos” in Serra-Mãe)

Mãe)

A paixão telúrica, na sua dimensão virginal e original leva à identificação da Serra como uma manifestação da Virgem Maria a quem o poeta místico se entrega numa submissão total (cristianização da deusa-mãe):

*“Ó Virgem, mãe de Deus, Senhora Minha,
A quem me socorri, por quem chamava,
A quem servia minha alma desejava
Nesta Serra do Céu, vossa vizinha”*

(Frei Agostinho, “A Nossa Senhora da Arrábida” in Sonetos e Elegias)

*“Estrela da Serra
Virgem Maria, cheia de graça,
a terra em ondas é teu altar.
Reza-te o vento quando aí passa,
ao som das preces do velho mar.*

*Virgem Maria, milhões d’estrelas
Poisam de noite no teu altar.
Servem de luzes, são tuas velas.
É o teu órgão a voz do mar.”*
(Arronches Junqueiro in Arrábida, número único, 1899)

*“Mas em toda a Capela,
e a capela é imensa,
nada mais tem presença
do que a presença d’Ela.*

(...)

- Em Tuas mãos me entrego
como se ao Mar me desse. "

(Sebastião da Gama "Senhora da Lapa" in Campo Aberto)

"Na Lapa

(...)

Era na gruta à noitinha...
Era só... Tranquilo o mar
de manso, mui manso vinha
as lisas pedras beijar,

Da serra vinham murmúrios,
toadas tristes, plangentes...
Talvez de longos tugúrios
as orações reverentes...

O mar também ciciava
brandos queixumes doridos
d'algum náufrago que orava
chorando pelos filhos qu'ridos...

Ao fundo o altar da Santa
sob sombrias arcadas,
tecidas de mágoa tanta.
- lágrimas cristalizadas!

E eu quedo-me ali suspenso
olhos no espaço sem fim,
cercado de estranho incenso
feito d'alga e alecrim!

Ouvi um sino plangendo
ergo as mãos, ajoelhei
e em santa crença fervendo
a Ave-Maria entoei!

Olhei a Santa; sorria!...
- Teu rosto oh! mãe, me lembrou.
Soube então: A Ave-Maria,
foi ela que me ensinou!...

(...) (Joaquim Brandão in Arrábida, número único, 1899)

5. Espaço de mistério

Ancestralmente, a serra, tal como a montanha, representa um ponto de fusão entre os quatro elementos primordiais, terra, ar, água e fogo.

É um espaço original onde se procura encontrar o momento da criação, onde o Poeta, perante a imensidão do céu e do mar, se sente e se afirma como recetáculo e resposta de toda a obra criada:

"Os olhos meus dali dependurados.
Pergunto ó Mar, às plantas, ós penedos,
Como, quando, por quem foram criados."
(Frei Agostinho, Elegia II "Da Arrábida" in Sonetos e Elegias)

"Na noite calma
a poesia da Serra adormecida
vem recolher-se em mim.
E o combate magnífico da cor,
que eu vi de dia;
e o casamento do cheiro a maresia
com o perfume agreste do alecrim;
e os gritos mudos das rochas sequiosas que o sol castiga
- passam a dar-se em mim.
(...) (Sebastião Gama "Serra Mãe" in Serra-Mãe)

"Convosco e dentro em vós, Serra batida
Mais das ondas humanas que marinhas,
Cantarei, como cresce, a despedida."
(Frei Agostinho, Elegia XIV "Da Arrábida" in Sonetos e Elegias)

6. Espaço de comunhão

Na sua exuberante emoção poética, Sebastião da Gama parece exceder-se no desejo místico de se fundir e confundir com a Natureza.

O poeta encontra no Mar o espaço ideal de transmutação, espaço capaz de transformar tudo o que é transitório, pequeno e humano em eterno, imenso e divino:

*"E, se eu pudesse beber
esses longes de mim me vejo e quero,
em espasmos havia de os mudar
e, num desejo nunca satisfeito,
iria possuir-te, ó Mar!
(...)
tirar de mim aquilo que é humano
e confundir-me em ti."
(Sebastião Gama "Céu" in Serra-Mãe)*

Uma vez em perfeita comunhão com a Natureza, a vida do Poeta confunde-se simplesmente com a Vida, que emana de todos os seres. Deixa de haver diferenças: há apenas o silêncio religioso onde a Natureza fala pela sua boca:

*"Punha-me a ver correr as águas frias
(...)
As flores que levava já colhidas
(...)
O livre passarinho, que voava
Cantando para o céu, deixando a terra
Da terra para o Céu me encaminhava."
(Frei Agostinho, Elegia II "Da Arrábida" in Sonetos e Elegias)*

*"Na minha praia, os grãos de areia
passam a vida numa confiança
que a não entende a gente.
(...)
o búzio então imitou
não sei bem se as ondas ou
se os ecos longos dos meus longos ais. "
(Sebastião da Gama "Confidência" in Itinerário Paralelo)*

É nesse espaço de plenitude, eternidade e silêncio, onde Frei Agostinho já havia consumado amorosamente a sua relação mística, que Sebastião da Gama, tal como outros poetas já o haviam feito, decide convocar e invocar o Santo-poeta, para com ele comungar desse estranho Amor que nunca deixara de ecoar e de murmurar pelas encostas da serra abençoada:

*" (...)
Onde a minha alma, em puro fogo acesa,*

*Não sintas, nem consintas, outro desejo
Senão ficar de amor divino presa
(...)"
(Frei Agostinho, Elegia IV "Da Arrábida" in Sonetos e Elegias)*

*" (...)
Lá do Céu, houve uma Estrela que foi descendo:
Agostinho,
o Frade poeta santo,
tinha descido ao Portinho
a relembrar o seu Canto."
(Sebastião da Gama "Confidência" in Itinerário Paralelo)*

*"E o búzio não falou mais
das ondas nem dos meus ais:
anda a cantar, com saudade,
os versos de amor divino
que ouviu da boca do Frade."
(Sebastião da Gama "Confidência" in Itinerário Paralelo)*

*"O murmúrio é a alma de um poeta que se finou
e anda agora à procura pela Serra,
da verdade dos sonhos que na Terra
nunca alcançou."
(Sebastião da Gama "Serra Mãe" in Serra-Mãe)*

A Arrábida e Frei Agostinho acerbaram a imaginação dos poetas que sonharam ir além, além do Tejo, além do mar e além das ordens estabelecidas. Todos eles convocam-se e invocam-se numa grave e alegre comunhão:

*"Agora
(...)
É grave ler os poetas...
Mas ler Frei Agostinho é divagar
Na Arrábida saudosa, além do claro Tejo,
Toda de cor lilás, em pleno azul celeste..."
(Teixeira de Pascoais in Cânticos, 1925)*

"A fé que assava o místico avoengo

*A fé que assava o místico avoengo
e na Arrábida mantinha o corpo a pão escuro
removia montanhas para o Sul ou para o Norte?
já Bocage não era Sebastião*

*e os gamos e os texugos que ali estavam
iam à feira do gado*

*beneficiando
de leis francas com outras alimárias
quando o vento dominante vinha ovante
trazido das Canárias*

*Os gamos aportavam ao Portinho
Ao cheiro de um poema ou de uma couve*

*Bocage morreu Só devagarinho
o místico avoengo é que não soube”
(José Afonso in Textos e Canções, 1983)*

7. Espaço de dádiva e de entrega de si próprio.

A vivência do amor místico leva a uma entrega, a um abandono total, a um desejo fusional das vontades da criatura e do criador:

*“Mandais, Senhor, que busque bata e peça:
Eu busco, bato e peço, a vós, Senhor,
Sem ousar cousa em mim que vos mereça.”
(Frei Agostinho, Elegia II “Da Arrábida” in Sonetos e Elegias)*

*“Faz da Tua vontade as cordas que me prendam
os braços e as pernas
e deixa-me ficar ali, atado
e deixa-me ficar ali calado
ali, surdo
aquela voz que vem do fim de mim
e se parece tanto com a Tua.”
(Sebastião da Gama “Vontade” in Serra-Mãe)*

*“Cá vai Deus a remar
e eu a ser um remo com que Deus
rasga caminhos pelo Mar.”
(Sebastião da Gama “Diário de bordo” in Serra-Mãe)*

O amor místico compraz-se na contemplação da sua entrega, da sua abnegação e da imensidão da sua generosidade plasmada em Cristo na Cruz.

Sebastião da Gama vai, todavia ao ponto de sublimar a morte e o sofrimento, exaltando-os numa verdadeira celebração da vida:

*“Com os braços na Cruz, meu Redentor,
Abertos me esperais com o lado aberto
Manifestais sinais do vosso amor.”
(Frei Agostinho, Elegia II “Da Arrábida” in Sonetos e Elegias)*

*“ (...)
Ah! Que eu bendiga todos os insultos,
todas as troças e todas
as pedradas...”*

*- Abençoada a Vida,
abençoada a morte que sofreste”
(Sebastião da Gama “A um crucifixo” in Serra-Mãe)*

8. Espaço de identificação total

O amor místico procura uma fusão total com a natureza e com o seu criador, os que na Arrábida o procuraram, com ela se identificaram e nessa identificação encontraram o caminho mais curto para o Absoluto.

A conquista do futuro é vivida como um regresso às origens, ao útero primordial e regenerador. O desejo da morte é sublimado pelo desejo da ressurreição, e da vida eterna. Morrer na serra é entregar-se de corpo e alma ao corpo sagrado e à alma divina:

Na serra o místico possui e é possuído pela divindade, conquistando a eternidade:

*“Agora que de todo despedido
Nesta Serra da Arrábida me vejo
De tudo quanto mal tinha entendido,*

*Com mais quietação, livre desejo
Nela cavar a minha sepultura
Que não junto do Lima nem do Tejo
(...)
Ou, quando se partira esta alma minha,*

Da Terra, nesta tua, me enterrava!”

(Frei Agostinho, “Estando na Arrábida”)

“ (...)

Agora só

*que no ventre da Serra minha mãe repousa
meu corpo de Poeta,*

(...)

Agora, só,

*que os meus lábios são terra donde nascem
as moitas de folhado e de alecrim,*

(...)

Agora, só

*que sou terra na terra misturada
que a minha voz é voz de rosmaninho
eu poderei tratar por tu*

a meu irmão Frei Agostinho.”

(Sebastião da Gama “Elegia para a minha campa” in Serra-Mãe)

Frei Agostinho e Sebastião da Gama, falam-nos do amor absoluto e indicam-nos o percurso iniciático que nos leva do mar às estrelas, permitindo-nos viver a alegria da fusão total nas veredas ascendentes da Montanha. Eles tornaram-se as vozes do grande espírito que vagueia pela serra e descansa no Convento. Os seus versos ensinaram-nos a ouvir o silêncio, a estar a sós com Deus e o quanto, na Arrábida, “o céu fica mais perto”:

“Oh! Serra das estrelas tão vizinha

Quem nunca, de ti Serra se apartara!”

(Frei Agostinho, “Estando na Arrábida”)

“Foi então que vivi, então que vi

os poucos metros que vão

da minha Serra às Estrelas:

e o meu fim estava nelas

e o meu princípio no mar.”

(Sebastião da Gama “Vida” in Serra-Mãe)

9. Bibliografia

ALBINO, José Maria da Rosa (1956) – *Arrábida*. Setúbal: Tipografia Sado.

CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain (1991) – *Dictionnaire des Symboles*.

Collection Bouquin 12ème edition. Paris: Ed. Robert Lafont, S. A.

COELHO, Jacinto de Prado (1985) – *Dicionário de Literatura*. 3ª ed. Porto: Figueirinhas.

COSTA, Dalila (1986) – *Místicos Portugueses do Século XVI*. Porto: Lello e Irmão Ed.

COSTA, Dalila (1989) – *A Ladainha de Setúbal*. Porto: Lello e Irmão Ed.

CRUZ, Frei Agostinho da (1994) – *Sonetos e Elegias*. Lisboa: Hiena Ed.

GAMA, Sebastião (2004) – *Itinerário Paralelo*. Obras de Sebastião da Gama.

Lisboa: Edições Arrábida.

GAMA, Sebastião (1969) – *O Segredo é Amar*. Lisboa: Ática Ed.

GAMA, Sebastião (1999) – *Campo Aberto*. Lisboa: Ática Ed.

GAMA, Sebastião (2007) – *Serra Mãe: poemas*. Obras de Sebastião da Gama.

Lisboa: Ed. Arrábida

GAMA, Sebastião; ABREU, Maurício (1987) – *Poemas e Fotografias*. Setúbal: Casa do Bocale.

GUERRA, Amílcar (1995) – *Plínio-O-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri.

LIMA, Augusto Pires de – *Poesias Seletas de Frei Agostinho da Cruz*. Coleção Portugal. 2ª edição Porto: Ed. Domingos Barreira. s.d.

LOURO, Regina – *Sebastião da Gama: o silêncio da canção*. In PÚBLICO. Lisboa: 9 de fevereiro de 1992. pág. 20 a 27.

NEMÉSIO, Vitorino (1986) – *Estudo e Antologia*. Lisboa: ICLP, 257-260.

PEREIRA, Paulo (2004) – *Enigmas. Lugares Mágicos de Portugal. Montes Sagrados, Altos Lugares e Santuários*. Lisboa: Círculo dos Leitores e Autor.

PIMENTEL, Alberto (1992) – *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.

PIMENTEL, José Cortez (1992) – *Arrábida. História de uma região privilegiada*. Edições INAPA.

SANTOS, Alexandre F. (2008) – *Sebastião da Gama. Milagre de Vida em busca do Eterno*. Lisboa. Roma Editora.

SARAMAGO, José (1985) – *Viagens a Portugal*. 2ª edição. Lisboa: ed. Caminho.

VILHENA, António Mateus; PIRES, Daniel (2002) – *A serra da Arrábida na poesia portuguesa*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos.

24. LUCIENE PAVANELO, UNIVERSIDADE SÃO PAULO

REPENSANDO PARADIGMAS: A VISÃO CAMILIANA E MACEDIANA SOBRE O DISCURSO NATURALISTA

Joaquim Manuel de Macedo e Camilo Castelo Branco possuem uma posição dúbia nos cânones literários brasileiro e português: apesar de pertencerem a ele, são autores secundários. Embora as suas presenças estejam garantidas nas *histórias de literatura*, acabam sendo lembrados, na maioria delas, pelo sentimentalismo açucarado emanado